ANO 1.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 25 DE JANEIRO DE 1922 N.º 250

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 111

O *SECULO* da noite, de ontem, quiz ganhar uma vitoria á custa do *Diario de Lisboa*, que aliás nunca quiz ser seu adversario, entre outras razões poderosas, porque não tem tempo para se deixar vencer por tão distinto colega.

Como um dos nossos redactores escrevesse, sem desprimor para ninguem, que o *Diario de Lisboa*, no que respeita á morte, universalmente prantada, de Sua Santidade Bento XV, procedeu com muita cautela, despresando exitos faceis, junto de faceis leitores, *O Seculo* julgou ver nisto uma alusão ironica ao enorme fiasco da sua informação telegrafica sobre tão infausto acontecimento.

Enganou-se, visto que nós não quizemos maguar ninguem, sobretudo, em momentos de azar. Lisboa, e todo o país viram, realmente, com assombro que *O Seculo*, em três edições sucessivas, publicasse telegramas, noticiando o falecimento do chefe supremo da Igreja catolica, que sempre pecaram por prematuros

O facto, porêm, é que toda a gente se calou, fingindo não perceber que o nosso poderoso colega fôra vitima duma telegrafia mais precipitada que verdadeira. Todos os jornais tiveram para com ele atenções e gentilezas que não são para desagradecer. Nós, claro está, não constituimos uma excepção.

Embora não acreditemos demasiadamente no poder da gratidão, ainda assim não imaginámos que *O Seculo* tão depressa se dispuzesse a *agradecer-nos*. Nós fechámos os olhos para não vermos a sorte que lhe criaram as suas agencias de informação e ele, o que faz a nosso respeito? Abre os olhos desmedidamente, serve-se duma grossa lente e trata de *pescar*, no numero de ante-ontem do *Diario de Lisboa*, algumas poeirinhas derramadas nele.

Porque o nosso redactor—jornalista sempre bem informado e cheio de reflexão—trocou o nome de Vicenzo Vanautelli pelo de Serafino, ei-lo feroz a apontar a inocente confusão. Era natural que *O Seculo* se lembrasse de casos identicos, senão peores, que o publico nota nas suas paginas. Quiz, porêm, ser amavel e conseguiu-o. Nem o nervosismo com que, á ultima hora, se escreve um *eco* lhe bastou como explicação: preferiu divulgar a nossa formidavel ignorancia, em materia de nomes cardinalicios.

Chamou o nosso redactor ao cardeal Maffi homem de idade *relativamente avançada*, pois conta sessenta e três de idade. Nisto procedeu ele com muita prudencia. Não retira nenhuma letra. Como candidato ao solio pontificio, continua a pensar que ele é um pouco velho.

E' uma opinião—a sua, embora muito bem saiba que na historia dos papas são frequentes eleições de personagens muito mais idosos. Os tempos, porêm, são outros—mais duros e dificeis, exigindo, portanto, qualidades de resistencia fisica com que se não contava em epocas calmas.

Não deu a entender isto mesmo Sua Santidade Bento XV, quando disse que necessitava de dez anos para realizar todo o seu programa?

A longevidade, nos tormentosos dias em que vivemos, nem sempre é conciliavel com a combatividade.

* * *

RECEBEMOS, em lindissima edição da Companhia Portuguesa Editora, *Os Lobos*, a tragedia rustica em três actos que Francisco Lage e João Correia de Oliveira escreveram, num momento de nobre inspiração. Traz desenhos mui felizes de Alice Rey Colaço.

A CATASTROFE DE AVEIRO

Atinge já proporções de uma verdadeira catastrofe o somatorio das desgraças ocorridas na Ria de Aveiro, quando do ultimo grande vendaval que atingiu quasi todo o litoral norte do país.

Ha bastantes anos que a terra portuguesa não era atingida por um tão impressionante e tragico acontecimento. A ventania, a chuva, uma onda de ar asfixiante —fenomeno constatado mas não seguramente definido ainda por determinações scientificas— deitaram a terra centenas de pessoas, produzindo o luto numa tranquila e laboriosa região á beira mar, e deixando na miseria milhares de creaturas.

Repetimos, ha muitos anos que Portugal não é vitima de tão grande calamidade, cujo numero de mortos, segundo o *Diario de Noticias*, atinge ou excede duas centenas! E só por que a nação anda distraída com a politica e preocupada com a acção eleitoral se explica a apatia com que o resto do país, e a maioria da imprensa se tem colocado ante o horroroso acontecimento.

A Murtosa, lindo trecho da paisagem e de beleza de Portugal, região onde não se pratica senão o trabalho do mar e de onde não veiu nunca mal algum politico ou social ao país; todo aquele litoral formoso onde parecia Deus abençoar os homens e as cousas, se encontra hoje convertido numa faixa destroçada, onde apenas campeiam a dôr, a duvida e os ameaços de fome. Desappareceram familias inteiras. Estradas, campos, herdades são um montão de ruinas. E por cima dessas ruinas e desses destroços encontram-se sem pais, sem irmãos, sós no mundo, criancinhas que mal sabem ainda falar!

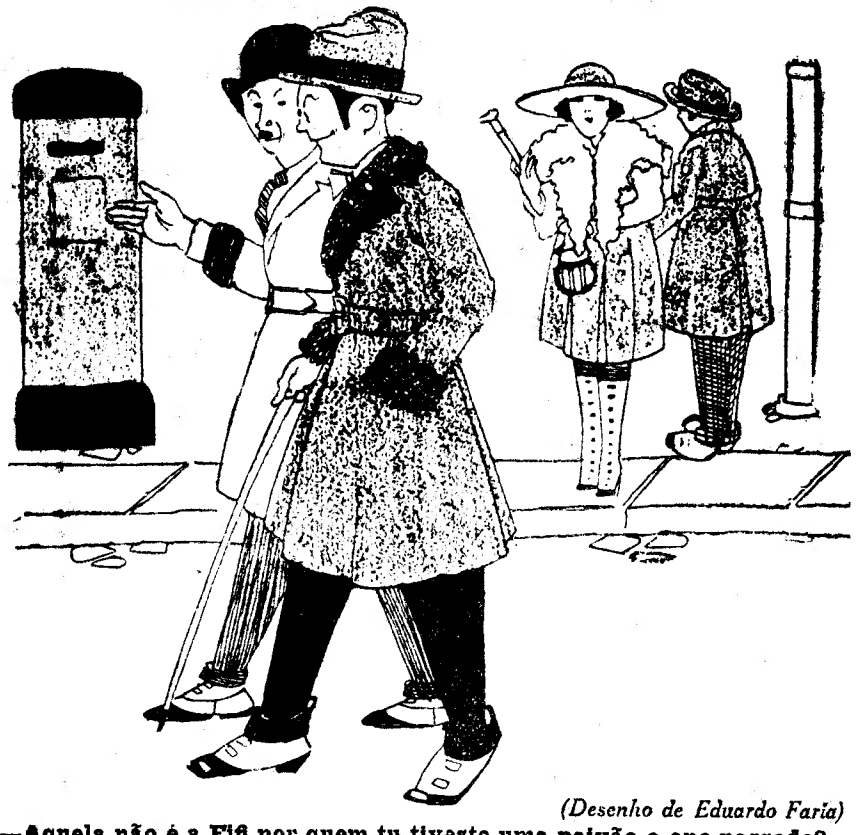
E' necessario acudir ás vitimas de tão horroroso acontecimento. As camaras municipais das localidades dos arredores e muitas instituições particulares procuram socorrer os sobreviventes. Mas a desgraça vai além do que a principio se supôs. Cada dia aparecem novos quadros de miseria. Pessoa chegada do local diz-nos que só um coração muito forte, insensivel á desgraça alheia, logra atravessar impune aqueles sitios enlutados. E' preciso que o Estado tome imediatamente medidas de assistencia.

Não nos queixemos agora de não haver em Portugal a protecção aos trabalhadores do mar devidamente montada. Deixemos isso para mais tarde.

Procuremos levar o governo, com a energia e a rapidês de acção que caracteriza o sr. Cunha Leal, a acudir, de uma maneira pratica, áquela gente do mar, tão injustamente castigada pela furia devastadora e inesperada dos elementos. O ministerio do Trabalho ha de ter, certamente, mais esfôrço menos esfôrço, mais habilidade menos habilidade, maneira de poder atenuar aquela grande desgraça, desviando para lá socorros prontos, em dinheiro, agasalhos, e materiais de construção, ainda que para isso seja preciso, a seu tempo, pedir um *bill* de indemnidade ao Parlamento, com cuja preparação eleitoral andam agora os politicos tão distraídos.

E' uma obra de humanidade e de governação que se impõe absolutamente.

REMEDIO SANTO...



(Desenho de Eduardo Faria)

—Aquela não é a Fifi por quem tu tiveste uma paixão o ano passado?
—Tive... tive... Agora já casámos...

TAMBEM *O Seculo* se ocupa das *impressões* do secretario da redação do *Diario de Lisboa* ácêrca de Monsanto—*impressões* já há três anos publicadas, nas colunas do nosso aguerrido colega. Nesta materia, porem, foi um pouco mais longe que seria para desejar, insinuando que Alvaro de Andrade suprimiu propositadamente o epiteto de *bravo* que juntara primitivamente ao nome acatado de Afonso de Cerqueira.

Com coisas serias não se brinca!

Alvaro de Andrade e o *Diario de Lisboa* muito presam o ilustre marinheiro, valente entre os valentes. Se o citado epiteto desapareceu deve-se isso a uma causa igual á que na terceira pagina do nosso numero de ontem, fez aparecer o «ilustre escritor Hipolito», em vez de o ilustre escritor Hipolito Raposo. Qual o jornal que não está sugeito a precalços destes?

* * *

AO *Correio da Manhã* diremos simplesmente que não se perca em más interpretações sobre a reprodução, no *Diario de Lisboa*, das *impressões* de Alvaro de Andrade. Ele teve simplesmente em vista transmitir aos nossos leitores a comoção duma hora historica que viveu, em Monsanto. Não deseja infirmar factos. A verdade, acima de tudo. Não afirmou que se desse qualquer fuzilamento: fixou simplesmente um [illegible] andava no ar, como o fumo da pólvora.

O oficial, que viu estendido e morto, sabe ele hoje muito bem quem era. Na occasião em que escreveu não lhe foi facil averiguar a sua identidade.

Pelo que se refere ao sr. coronel [illegible] diremos que ele, se não esteve preso em Monsanto, não achou pelo menos facil a occasião de evadir-se.

* * *

OS jornais noticiam a morte de Artayette, 54 anos, famoso boemio, amigo de Alexandre Braga e scintilante espirito de ultima geração portuense. Ha para o desventurado rapaz palavras suavissimas de saudade. E' que boemia, que é uma espécie de renuncia á vida, não é apenas a esturdia. Deixando atrás de si sómente pecados de romantismo, ele constituiu sempre uma virtude tão grande e tão rara como a clausura voluntaria dos desiludidos.

* * *

HONRA hoje as colunas do *Diario de Lisboa*, com a sua colaboração, o notavel prof. da Faculdade de Sciencias da Universidade de Coimbra sr. dr. Pacheco de Amorim. Em mais numeros do nosso jornal, ele tratará, com a sua indiscutivel competencia, os problemas economicos e financeiros que tanto preocupam o país. Pedimos aos nossos leitores que lhe consagrem a devida atenção.

* * *

O NOSSO querido amigo e escritor sr. Trindade Coelho informa-nos que não é verdade estar redigindo ou ter redigido o manifesto da Conjunção Republicana.

* * *

POR informação absolutamente segura, sabemos que o sr. general Gomes da Costa não deu consentimento, para que o seu nome se inclua na chamada lista de conjunção republicana.

* * *

CORREU hoje que o sr. Agatão Lança pedira a demissão de governador civil de Lisboa, empenhando-se o sr. Cunha Leal em demovê-lo de tal resolução.

OS MEDICOS PORTUGUESES

Uma operação que é um acontecimento no mundo cientifico

Carlos de Melo e hoje um grande vulto da cirurgia latina

(Desenho de Almada Negreiros)

Nós somos incorrigivelmente optimistas. Cremos nas excelsas qualidades das raças latinas, cremos na imortalidade do nosso destino nacional, cremos numa proxima era de rejuvenescimento deste velho Portugal, cuja aparatosa decadencia não tem sido mais e senão um necessario periodo de descanço, o pousio dum poeta e dum heroi fatigado de praticar feitos maravilhosos.

Ainda ha semanas tivemos um forte ensejo de nacionalizarmos no nosso teimoso optimismo quando percorremos os vinte mil metros quadrados da *Electro-Ceramica*, que, num recantosinho do Candal, em Gaia, frente ao Porto, desafia hoje toda a concorrencia mundial, batendo-a na perfeição do material electrico, e levando os alemães e os americanos a confessar que ninguem se pode bater com esse colosso português nem em qualidade nem em preço. O país ignora ainda, na sua maior parte, que tem uma fabrica de oiro naquela *Electro-Ceramica*, não só porque a materia-prima—o kaulino—existe dentro das nossas portas, e esta industria é das raríssimas que em Portugal não sofrem a vassalagem do estrangeiro, mas porque a excelencia dos nossos kaulinos e a perfectibilidade transformadora lhe asseguravam já uma triunfal exportação para todo o mundo.

Isto é sem comoção que se dá pela existencia da fabrica de ouro do Candal.

A seguir á constatação dessa criação industrial, que representa já hoje uma entrada de ouro de milhares de contos, e que consola de tanta miseria, de tanto desmazelo, de tanto acabrunhamento que se presenceia neste país imortal, veju ao nosso conhecimento, alegrar a nossa alma de patriotas, a sensacional operação que o ilustre clinico dr. Carlos de Melo praticou ha meses numa cliente e de que agora fez ao mundo scientifico a respectiva comunicação.

Embora não fazendo parte do mundo scientifico, quizemos ir ouvir directamente a noticia do notavel acontecimento, assistindo á conferencia do reputadissimo especialista de doenças do nariz e garganta. Pelos invernos fora, quando o Sena trasborda e os lagos do *Bois* gelam, aparecem nas lições da Sorbonne obscuros ouvintes que vão ali apenas buscar o conforto do aquecimento.

Tambem nós, gelados, a tiritar deste frio desanimo em que a nossa vida politica e financeira nos traz, fomos a Santa Marta, na passada quinta-feira, consolar a nossa alma ao calor da sciencia.

Saimos de lá reaquecidos de esperança na nossa geração e na nossa epoca. Somos uma geração de expiação? Somos, sim. Mas estamos convencidos de que somos tambem uma geração de redenção!

Para o quê veja-se isto: os especialistas franceses, desde Paris aos *Basses-Pyrinées*, os italianos, os espannois nunca tinnam tentado fazer correcções de nariz, sem cicatriz. Só um homem no mundo, o dr. Joseph, de Berlim, fazia essas intervenções, guardando-se de ensinar o processo, o que equivalia a desconhecer-se o segredo operatorio.

Esse triunfo estava guardado para Portugal e para um português—o dr. Carlos de Melo. E' um caso scientifico, um acontecimento mundial e todavia narra-se como um conto efabulado por ums dessas imaginações do norte, apegadas ao maravilhoso.

...Era duma vez uma menina muito elegante e muito rica, com todos os bens da terra e do ceu. Muito inteligente, e muito boa, todos que a viam ficavam amigos dela. Em pequenina uma aia deixou-a cair, e a formosura e elegancia da linda princesinha teve de aí para o futuro um senão: uma depressão no nariz, que deformava o seu rosto.

Puzeram-se pregões, chamaram-se todos os bruxos e feiticeiros, e nenhum atinou com a cura. Cresceu a princesinha em idade e em beleza. Era já uma senhora, airosinha e alta, como a aspiração dum crente, prendada e bemfazeja. e o defeito, longe de se atenuar, crescia com ela. Ninguem o via, todos cegos pela sua elegancia de garça e deslumbrados pelo seu espirito. Mas a princesinha ficava-se horas e horas a chorar em sua câmara. E todas as vezes que os crisantemos e as camelias desabrochavam, ela ia, por esse mundo fora, á procura do mago que a curasse.

Ofereciam-se tesouros a quem restituisse ao rosto melancolico da princesinha a sua Perfeição nata. Viram-a os maiores sabios das Galias, da Serra Morena, do Pó, homens altos e fortes, que sabiam tudo, que atalhavam todos os males, acostumados a acudir a Reis e a todos os poderosos da terra. E nenhum ousava tratar a princesinha.

Um houve que disse assim:

—Eu opéro vossa alteza, mas não sei se ficará melhor, e pode até ficar mais defeituosa, porque tenho de rasgar a pele do nariz e é infalivel a costura.

Regressou muito triste a princesinha a um paiz bordello de rentes pelo Atlantico e pertumado por laranjais copados. Já ninguem pensava em curar a princesinha, quando um homem moreno, e luminoso olhar, a viu e lhe preguntou se nunca tentara corrigir aquele defeito. Contou a princezinha a sua peregrinação pelo mundo em fora, todas as vezes que as camelias abriam e os crisantemos douravam a luz, levando ao partir a esperança a amanhecer e a cantar-lhe na alma e regressando sempre com a noite ao coração.

—Pois vou eu tentar esse impossivel—disse-lhe o homem moreno, de olhos cheios de luz.

—E ficarei outra vez perfeita como nasci?

—Tanto, não sei.

—E mais defeituosa?

—Isso, não. Não haverá cicatriz, porque farei a intervenção interiormente.

—Dar-vos-hia metade dos meus tesouros.

—Nada aceito de vós, senão a vossa alegria, e só com essa condição eu trabalharei por vós.

E o homem moreno tratou a princeziaha e curou-a, e a princezinha é hoje muito feliz, e nas cinco partidas do mundo não se fala de outra coisa senão do grande feito paralelo num país pequenino que tem grandes sabios.

* * *

Traduzindo e deixando o geito da lenda, as coisas passavam-se como vêm no conto perfumado da discreção.

O dr. Carlos de Melo abriu uma betoeira na mucosa do nariz, rasgou um tunel direito ao frontal e ali enxertou a lasca ossea que o dr. Francisco Gentil tirára duma canela da doente que, cheia de confiança e de valor, assistira, mercê de anestesias locais, ás duas e simultaneas operações.

O osso soldou. A depressão desapareceu. A doente ficou com a cana do nariz, e portanto com o nariz normal, corrigido, sem uma costura, sem uma cicatriz, sem um sinal de ter sido operada.

E' um acontecimento no mundo scientifico, uma gloria para a arte operatoria portuguesa.

Agora o ovo de Colombo qualquer o põe de pé.

Qualquer... não! Porque já Victor Hugo dizia: *On nait rotissier. Nasce-se com valentia para o assado.*

Ora sem esse talento nato, não vale a pena ler o *Cozinheiro dos cozinheiros*.

Em toda a sciencia, ha sempre uma arte.

Bem scientifica é cada vez mais a guerra e Napoleão chamou-lhe sempre: *a arte da guerra*...

E' o que o dr. Carlos de Mello, uma gloria da cirurgia portuguesa e um vulto da sciencia mundial, pode hoje dizer da operatoria: *a arte da cirurgia*...

J. R.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — E TODAS AS NOITES

Magnificos e variados programas da

Grande Companhia de Circo

Numeros assombrosos e sensacionais

Cavalos! — Cães! — Macacos! — Gatos! — Ratos!

O celebre e fantastico ilusionista FASOLA

Um cão sem licença

Uma embrulhada que acaba bem

Em toda a parte do mundo, é das posturas municipais, os cães, os melhores amigos do homem, têm, como ele, de pagar um imposto. Sucede, porém, que o Cinema Condes adquiriu o privilegio de exibir hoje em estreia no seu *écran Um cão sem licença*, extraordinario *film* comico do popular Faty, e da embrulhada que dessa exibição resulta, sem consequencias desagradaveis para ninguem, poderão avaliar os que hoje forem ao Condes assistir á *soirée* da moda. Faz-se *réprise* da esplendida estreia de ontem *Abecedario do Amor*, notavel desempenho da grande actriz Mae Maurry, continuando em pleno exito o grandioso drama italiano *Noite de entrudo*, extraido do celebre romance *As três mascaras*, uma das maiores criações do extraordinario actor francês Henry Kraun. Na proxima 5.ª feira estreia do colossal *film* de aventuras *Misterios do Oriente* ou a *Soberana do mundo*.

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas *Formosinho*

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

O 31! O celebre 31!

Brevemente no EDEN

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

DEPURATOL

dispensa...

...o uso das classicas injecções endermicas ou intra-venosas (606, 914 e de todas as outras substancias antigas ou modernas (qualquer que elas sejam), sempre dolorosas incomodativas e nem sempre isentas de grandes perigos, as repugnantes fricções mercuriais e os mais tratamentos usados no combate da sifilis. O DEPURATOL só por si constitue o tratamento mais completo desta perigosissima e contagiosa doença.

Durante o uso...

deste notavel preparado não se deve usar de qualquer outro tratamento anti-sifilitico, não só porque essa acumulação poderia trazer inconvenientes, mas tambem porque é necessario aos doentes reconhecer os beneficios do DEPURATOL—produto eficaz e inofensivo em todo os casos!—beneficios estes que, a não ser assim, poderiam erradamente ser atribuidos a qualquer outro tratamento.

Exijam no acto da compra do DEPURATOL o interessante livrinho gratuito: **Perigos da Sifilis e Instruções.** Pedidos em LISBOA, na Farmacia J. Nobre, Rocio, 109, e no Porto, na Farmacia dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 42, e nas provincias nos seus depositos. Preços: 1 tubo, 3$85, 6 tubos, 21$50. Pelo correio, porte gratis.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

DR. ARBUÉS MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

O ADVOGADO

José d'Arruela

R. Nova do Almada, 61, 1.º

Telefones 1949 ou 4343 (residencia)

SOBRE A MORTE DE BENTO XV

"O CARDEAL DE AVINHÃO"

Esboço do scenario duma peça inedita de Oscar Wilde

Do livro intitulado "O Rouxinol e a Rosa,, traduzido por Almeida Paiva

A peça começa no palacio do Cardeal, em Avinhão. O Cardeal encontra-se só e um pouco nervoso, por acabar de saber que o Papa está gravemente enfermo, prestes a morrer.

—«E se eu fôsse eleito Papa!»—exclama, dando-nos assim a nota caracteristica da sua desmedida ambição.

Entram alguns nobres e principes. O Cardeal, que lhes conhece bem os vicios e gostos, solicita e obtem de todos a promessa do seu voto, em favor da sua candidatura, comprometendo-se, pela sua parte, a promover a realização dos projectos e satisfação dos desejos pessoais de cada um deles.

Saem, e o Cardeal dirige-se a si proprio esta pregunta: «Elevar-me-ha Deus a uma posição tão sublime?» Segue-se um belo monologo sobre a dignidade pontificia.

Entra um criado anunciando que uma dama deseja falar com ele. A principio recusa-se a aceder ao pedido; mas a dama, que é uma rapariga nova, a protegida do Cardeal, entra.

Censura-o com palavras amaveis, pelo facto de se ter negado a recebê-la. Segue-se uma scena amoravel e afectuosa entre ambos.

Durante a conversa a joven diz-lhe:

—Tendes-me falado em inumeras coisas; mas uma ha, em que nunca me tocastes: O Amor.

—E sabes tu o que seja o amor?

—Sei, sim, porque amo.

Conta então ao Cardeal como se apaixonou por um joven que ha algum tempo se encontra na côrte, e a quem o mesmo Cardeal tem sempre distinguido com a sua protecção.

O Prelado fica muito perturbado ao ouvi-la, e consegue arrancar-lhe a promessa de que nunca dirá ao seu namorado nada do que se passou entre ambos naquela entrevista.

Depois da sua protegida se ter retirado, o Cardeal fica cheio de indignação e tristeza, e exclama:

—«E assim o meu pecado de ha vinte anos se alevanta agora contra mim, para me vir arrebatar o unico ser que eu amo!»

O joven é seu filho,

* * *

O scenario muda. Encontramo-nos agora nos jardins, por detraz do palacio.

A protegida do Cardeal e o seu namorado estão juntos.

Scena de amor apaixonado.

O joven, lembrando-se de quanto devem ambos ao Cardeal, pregunta á sua namorada se já comunicou ao Cardeal o seu futuro casamento.

Ela, recordando-se da promessa que fizera áquele, diz-lhe que ainda não. O joven pede-lhe que o faça o mais depressa possivel.

Neste momento entra uma cavalgada e dai a instantes aparece um homem mascarado de Morte.

Este incidente perturba a donzela, que vê nisso o preságio de alguma fatalidade que de futuro os aguarde.

O seu namorado procura afastar dela semelhante ideia, dizendo: «Que temos nós, ou o nosso juvenil amor, que vêr com a Morte?»

A cavalgada termina e os dois namorados separam-se.

A jovem, ao partir, deixa cair inadvertidamente uma luva.

O Cardeal sai do palacio, e apanha a luva no mesmo instante, em que avista o joven.

Fica furioso.—«Não ha duvida que estiveram ambos aqui!»—exclama.

O Cardeal está decidido a lançar mão de todos os meios a seu alcance para impedir que lhe arrebatem o único ser que ama. No decurso duma conversa com o joven, este pede-lhe que o informe bem de tudo quanto sabe a respeito de seu pai.

O Cardeal declara-lhe que, ha alguns anos áquela parte, um principe [illegible] no leito da morte, lhe confiara dois [illegible]hos aos seus cuidados.

Oscar Wilde

—Sou eu um dêles? pregunta o joven.

—Sim: responde o Cardeal.

—Nesse caso tenho ainda outro irmão.

—Não; tens uma irmã.

—Uma irmã! Onde está ela? Porque não ma deram a conhecer até hoje?

—Tu conhece-la. E' a tua noiva.

O joven fica petrificado. O seu rosto traduz uma dôr profunda.

O Cardeal, sem lhe revelar ainda os laços de parentesco que o ligam a si, exorta-o a que desterre do coração esse amor incompativel com os preceitos da Igreja e leis da Natureza, rogando-lhe ao mesmo tempo que procure extirpá-lo tambem do coração da donzela.

Esta entra nesse momento, e o Cardeal declara-lhe que afinal o seu namorado acaba de reconhecer que tinha cometido um grande erro, que não a [illegible] suficientemente para casar com ela.

Esta parte da peça termina por uma scena emocionante entre os dois namorados.

O jovem cumpre á risca a promessa que o Cardeal astuciosamente o induzira a fazer-lhe.

* * *

O final da peça desenrola-se no interior do Palacio, como a primeira parte.

O Cardeal está só e arrependido do seu procedimento da vespera. Foi vil, muito vil.

No seu peito trava-se uma luta entre a ambição e o amor. Ele ama loucamente a sua protegida, mas ao mesmo tempo receia que por êsse crime Deus impeça a sua eleição a Pontifice.

Ouve-se um toque de trombetas. Os nobres e os principes entram. O Papa morreu, e o Cardeal foi eleito para lhe suceder. Ele já é de facto o Chefe Supremo da Igreja.

Os nobres e outras personagens da Côrte retiravam-se, depois de lhe terem jurado obediencia.

O Cardeal fica radiante. «Eu, que ainda ha pouco rastejava pela lama, vejo-me alçado agora á mais elevada situação que podia ambicionar: Vigario de Cristo na Terra!» etc.

Um belo discurso.

A ambição apodera-se dele por completo, excluindo do seu coração qualquer outro sentimento.

Manda chamar então o jovem, e diz-lhe:

«O que te disse ontem, tinha só um fim: experimentar-te. Não há parentesco algum entre ti e a tua noiva. Vai procurá-la, e ainda esta tarde, antes de partir para Roma, te unirei com ela pelo matrimonio».

Abre-se de par em par uma grande portão ao fundo da sala. Entram os Irmãos da Misericordia, com um esquife, coberto com um pano mortuario, e vão deôp-lo no meio da sala.

Saem sem dizer palavra.

O mesmo pensamento surge no espirito do Cardeal e do jovem. Adivinharam já quem se encontra naquele esquife. A jovem ruiu-se de desespero, ao vêr desfolhadas as flores da sua esperança!

O Cardeal dirige-se para a porta e diz aos soldados que estão fora: «Não entreis, suceda o que suceder, até que eu vos o ordene».

Volta para a sala, correndo logo o pesado ferrolho da porta.

O jovem dirige-se a ele e diz-lhe: «Vou matar-te».

O Papa responde: «Não me defenderei; mas antes de pôres em execução os teus designios, deixa-me falar».

Invoca então a santidade da dignidade Pontificia, etc.... e faz vêr ao jovem a monstruosidade do sacrilégio que cometeu um semelhante atentado. «Não: tu não podes matar o Papa».

—Esse crime não me causa horror. Vou matar-te.

O Papa revela-lhe então que ele é tambem seu pai, e que esse crime constituirá portanto toda a hediondez dum parricidio.

«Não: tu não podes matar teu Pai!»

—Nenhuma das razões que tu me apresentas é capaz de me comover: eu não tenho sentimentos filiais. Vou matar-te.

O Papa dirigi-se ao esquife, retira o pano mortuario e diz: «Eu tambem a amava».

A estas palavras o jovem dirige-se apressadamente á porta, abre-a de par em par e diz aos soldados: «Sua Santidade vai partir esta mesma tarde para Roma».

O Papa está de pé, abençoando o cadaver.

O jovem precipita-se diante dele para o esquife e mata-se com um punhal.

Os soldados, nobres, etc.... entram.

O Papa continúa de pé, lançando bençãos.

O 31! O celebre 31!

Brevemente no EDEN

Teatro APOLO

HOJE

Programa inteiramente novo

—=— A's 21,15 —=—

Festa artistica do actor-ensaiador

Rosa Mateus

1.ª Parte — a opereta

BOA VIAGEM

2.ª Parte — Variedades

Um acto de Cabaret

3.ª Parte — revista

O Hotel do Pirilau

A'manhã — Recita de Judith de Sousa

POLITEAMA

Telef. C. 1028 A's 21,30

EMPRÊSA LUÍS PEREIRA

COMPANHIA LUCÍLIA SIMÕES

sob a direcção de LUCINDA SIMÕES

Recita do camaroteiro — Unica representação

Uma mulher sem importancia

A'manhã não ha espectaculo

Sexta-feira, 27 — 5.ª Recita de assinatura

1.ª representação

A 8.ª mulher do Barba-Azul

Domingo, 29 — Concerto extraordinario — FESTIVAL RUSSO, pela

Orquestra Sinfonica de Lisboa

sob a direcção de FERNANDES FÃO

O 31! O celebre 31!

Brevemente no EDEN

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Carta particular

D. Camara Municipal e minha senhora:

O que escreve estas linhas, em dois medidos quartos de papel, é jornalista, varias vezes elogiado e caluniado—este ultimo caso é mais abundante—morador numa travessasinha que desagúa no Almirante Reis e atravessa todos os dias, por desgraça sua, um pantano extenso que se chama o Rossio. Presenciou as exeavações da praça, chorou quando viu desenraizar as arvores, comprou meio bilhete, mais barato que na casa, para assistir á formatura da guarda republicana que, em nome da camara eleita pelo povo de Lisboa lhe impunha uma coisa que ele não queria: a destruição do Rossio. Traçaram-se as ruas Paiva e Pona, muito usadas pelas patas dos rafeiros, em forma de lançamento de primeira pedra, assentaram-se algumas—uma por cada mês. Visitou-nos o sol e demorou a sua visita três meses; depois as primeiras chuvas...

E o Rossio, até aí limpinho, ainda que de gravata azul e branca no empedrado da placa, que se podia apresentar a qualquer touriste, *foi-se sujando de lama, enchendo de regatos, de lagos, tão grandes que o Tagannika se sente, decerto, abaixo da sua extensão. Ora hoje, quando me apeava do electrico e tinha acabado de rezar uma pequena oração, que me salvaguardasse dos riscos da travessia da nossa grande praça, apareceu-me um garoto que, sem cerimonia, entabolou conversa comigo. Que queria ele? Primeiro: poupar-me o risco de cair do alto dum monte de cascalho; segundo: evitar que me afogasse; terceiro: que não se dando ambos acontecimentos, lutuosos para o jornalismo patrio, eu me visse obrigado a comprar um gazolina, para as travessias diarias do Rossio. E, muito simplesmente, propôs-me alugar umas andas pela modica quantia de cinco escudos. Aceitei, e concordei que a Camara Municipal, tendo chamado, e muito bem, martir á cidade de Lisboa, que lhe tem sofrido todos os tratos de polé, poderia, lançando um imposto sobre este novo genero de transporte, salvar as finanças nacionais e construir o Rossio, quando as galinhas tiverem dentes.*

Com toda a consideração, um munícipe devotado e felicissimo.

Artur Portela

EM VILA REAL

A eleição dos srs. Cunha Leal e Nuno Simões está assegurada

VILA REAL, 24.—Não tem fundamento a noticia publicada na «Seculo», pois está absolutamente garantida a vitoria, pelos circulos de Chaves e Vila Real, dos candidatos democraticos Serafim Barros e Costa Amorim, e dos governamentais Cunha Leal e Nuno Simões. As minorias são disputadas pelos catolicos, presidencialistas, liberais e reconstituintes, tendo estes ultimos muitas probabilidades de exito, por existir uma grande corrente desfavoravel aos irmãos Lelo Portela. Para senadores, existem apenas três candidaturas, as dos democraticos José Pontes e Nicolau Mesquita e a do liberal Fernandes Mesquita, pelo que devem ser proclamados.

MALAS POSTAIS

Amanhã são expedidas malas postais, pelo «Gil Eannes», para a Madeira, Açôres e Africa Oriental, via Madeira, e pelo «Alba», para Dakar, Pernambuco, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Aires, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

OS ROMANCES Á MARGEM DOS LIVROS

OVIDIO DE CASTRO PUENTE

FRADE ESPANHOL ESCULAPIO

Casou hoje por amor, sendo celebrante o sr. Araujo Pereira, com a formosa senhora Rocio Veladron Martinez

A noticia trouxe-a em esboço *A Manhã*. Honra aos colaboradores eventuais do nosso presado colega. Mas trouxe-a errada, o que é uma prova de que era verdadeira, no fundo. A citação do hotel foi um reclame grosseiro.

* * *

Chegaram ontem no rapido um homem novo, rapado da cara, oculos, e uma senhora nova e ainda bonita. Vinham do Grande Hotel do Porto, e faziam-se acompanhar por um sujeito de meia idade, magro, modesto, discreto. Tomaram três quartos no Hotel Continental. Eram espanhois. A senhora dá o nome de Rocio Valedron; o homem novo declara chamar-se Francisco Castro Puente, o velho Antonio Rodriguez Ogando. Era pouco para um jornalista. Um salto, depois do meio dia, ao salão do hotel, um truc muito usado para ser recebido, e eis, temos diante de nós o sr. Puente, em pessoa.

O leitor dispensa-nos de expor, em forma dialogada, a conversa, cujos informes foram completados por terceira pessoa, horas depois.

Francisco Ovidio de Castro Puente é um rapaz insinuante e inteligente—vê-se logo—de 35 anos, frade espanhol que foi da Ordem dos Esculapios e professor da Humanidades. No seu convento havia três crianças interessantes, que nesse convento eram visitadas regularmente por sua mãe, belo tipo espanhol da Galiza, senhora respeitabilissima, cuja honestidade, por seu timbre, obrigava um professor dessa casa, o dito frade Puente, a olhá-la com a veneração com que se olham os santos. Essa senhora era casada, e tinha um filho já crescido, que hoje estuda direito em Madrid. Mas para que quere o leitor que nós lhe contemos mais, neste primeiro capitulo? O frade e a distinta senhora — apaixonaram-se. E' da vida. E' dos livros. Não admira que seja dos conventos. O esposo dessa senhora faleceu em 1915, lá longe, na capital da Espanha, legando á viuva a liberdade e uma rica fortuna. Mas a senhora era—repetimos—profundamente honesta e tinha quatro filhos. Deixou por ventura, no mundo, de haver maneira de concertar a honestidade e o Amôr?

Ah! Deixou de haver essa maneira para um pobre frade esculapio, preso á regra e á lei monastica! Mas havia Roma, e havia um Papa tolerante e havia as Sagradas Escrituras, que pregam o Amor, aquele amor que já Jesus prégava á beira dos lagos e diante das lindas mulheres de cabelos perfumados das laranjas de Cedron. E o pobre frade, vergando ao peso da vestia, foi a Roma. Recebeu-o Benedito XV...

O frade discutiu com o Papa. Que as Escrituras permitem o Amor! Que o habito não destroi as leis do coração! Sua Santidade ouvi-o, e porque era santo, concordou. «Mas não posso transigir—disse.—Se deixo, com este seu caso, a porta aberta, lá se me vão todos os curas pela abertura...»

O sr. Francisco Puente voltou á Galiza, e rompeu o habito. Quanto lhe custou! Uma mocidade de estudo e labor, uma vida de regra escrupulosa! «Casar. Vamos casar!»

Mas as dificuldades em Espanha para um frade esculapio continuam na vida secular. A Igreja não quiz casar o frade. E o Amor deles tinha de ser honesto, porque honestos eram as almas e havia do primeiro casamento quatro filhos. «E se eu me naturalizasse português?». Principiaram então as *démarches*.

Neste outro segundo capitulo o leitor perdoe que nós resumamos. O grande primeiro auxiliar do frade—porque quem foi frade não pode deixar nunca de o ser, escreve Vitor Hugo—foi o falecido chefe do governo Antonio Maria Baptista. Mas o coronel Baptista morreu, e um dia, no ministerio do Interior, agarrado a um amigo, Francisco Ovidio Puente... chorava. Chorava com lagrimas. Havia desespero, porque então tudo se lhe ia por agua abaixo. Meteram-se no caso algumas pessoas, entre eles os srs. Ferreira Pinheiranda e Alfredo Pinto, e, depois de uma famosa conversa entre o frade esculapio e o dr. Gonçalves Teixeira, no ministerio dos Estrangeiros, a naturalização foi consentida em nome... do Amor e da Republica. Subscreveu-a o coronel Alves Pedrosa, ministro do Interior. Foi já ha muito mais de seis meses. Começaram então as formalidades para o casamento. Foi ha bocado...

* * *

Rocio Veladron Martinez é natural dos arredores de Verin, tem hoje 38 anos. Como cumpria, não entrou em Portugal com o noivo. Acompanhava o «concejale» Antonio Rodrigues Ogande e foi-os esperar a Chaves o sr. Ferreira Pinharanda. «Amam-se como crianças de 18 anos», dizia-nos alguem, ha pouco, na Conservatoria do 2.º bairro. Mas é possivel, em pleno seculo XX?

Certo é que tudo já estava preparado. Chegados a Lisboa ontem, hoje, ás 14 horas, compareciam na Conservatoria do registo civil do 2.º bairro os noivos, a senhora de preto, chapeu de veludo com franja de seda, encobrindo uns grandes olhos formosos, e êle de «paletot», quasi irrepreensivel como um diplomata deshabituado. Na ausencia do sr. Carneiro Franco, presidiu ao acto solemne civil o sr. Araujo Pereira, conhecido homem de teatro, cuja seriedade e grande alma são, alêm do seu talento, o melhor brazão heraldico. O presidente leu os artigos da lei, formalizado. Em redor, as testemunhas e alguma assistencia.

—Deseja a sr.ª D. Rocio Veladron Martinez tomar por esposo o sr. Francisco Ovidio Castro Puente?

—Si, señor...

—Quere o sr. Francisco Ovidio tomar por esposa a D. Rocio Veladron Martinez?

—Si. Lo quiero...

—Em nome da Lei e da Republica os declaro unidos pelo casamento...

Assinaram então o presidente, os oficiais, o sr. Ferreira Pinharanda, farmaceutico, a sr.ª D. Maria Conceição Nevoa, professora oficial, o sr. Neves Luna e o sr. Alfredo Pinto, funcionario superior do ministerio do Trabalho. Como testemunha, entre outras ainda, o nosso redactor.

Já no automovel, o ex-frade, que deu a profissão de bibliotecario, e a ex-viuvinha, felizes na regularização do seu amôr e do seu estado civil, enterneciam-se, olhando-se, como crianças de 18 anos, no dizer do comentador.

E com uma taça de *champagne*, no Hotel de Inglaterra, acabou o terceiro capitulo daquele romance. Os noivos partem ámanhã para Madrid, onde está o filho mais velho da noiva, aluno de Direito, e que representa o fisico e o caracter do primeiro marido.

Começa o quarto capitulo do romance... Quantos terá ainda? Quando principia o romance, nunca se sabe onde é que êle acaba...

VINTE DIAS DEPOIS

E' POSTO EM LIBERDADE O SR. GENERAL GOMES DA COSTA

O sr. general Gomes da Costa saiu hoje do forte de Caxias, onde cumpriu vinte dias de prisão disciplinar, e apresentou-se nas estações oficiais competentes.

Setubal quere um bairro social

Uma comissão de industriais de Setubal, acompanhada pelo administrador do concelho, procurou hoje o sr. presidente do ministerio para solicitar a construção de um bairro social naquela cidade.

Viagem de instrução

No cruzador «Republica» seguem para os Açôres varios guarda-marinhas.

Os Teatros

Atrás do reposteiro

O actor José Ricardo pensa em realizar uma «tournée», no proximo verão, com elementos do teatro Nacional.

—O actor Nascimento Fernandes vai desempenhar, para a empresa Raul Caldevila, o protagonista dum «film», de grande intensidade dramatica.

—Os membros do juri do concurso de peças originais, entregues no Nacional, têm de escolher as duas premiadas entre 34 que foram entregues.

—Rino Lupo, que se propõe estabelecer em Lisboa uma Escola de Arte Cinematografica, tem recebido grande numero de inscrições de alunos.

—No palco do Nacional, no final do espectaculo de ontem, foram tiradas varias fotografias artisticas da peça «O Centenario», entre elas um grupo constituido pela actriz Ilda Stichini e os actores José Ricardo e Rafael Marques.

—O nosso colega da imprensa Lorjó Tavares deu ontem ao administrador do teatro Nacional, sr. Augusto Pina, um original seu, ha anos estreado no Rio de Janeiro.

—O poeta Orsini de Miranda acaba de escrever uma peça historica, em verso, intitulada «Os Doze de Inglaterra».

—Saiu hoje de Lisboa a troupe dramatica Emilia de Oliveira, que amanhã dará o seu primeiro espectaculo em Faro.

—Palmira Bastos, dissolvida a sua companhia, vai organizar um pequeno grupo para uma nova digressão artistica, em que o repertorio será constituido por peças pequenas, genero «Grand-Guiñol». Deste grupo farão parte Samwell Diniz, Antonio Gomes e Irene Gomes.

—Eduardo Reis, pai, pretende fazer representar no Eden-Teatro, êste Carnaval, uma revista sua, num acto.

—Parece confirmar-se a ida ás ilhas da companhia José Alves da Cunha, se acaso os seus artistas fôrem razoaveis nas suas propostas.

—O protagonista da peça a «Oitava mulher do Barba Azul», a subir á scena, brevemente, no Politeama, foi confiado ao actor Ribeiro Lopes.

—Na revista «O 31», a subir á scena no Eden, os «compéres» «O 17» e «O 31», respectivamente, vão ser desempenhados por Nascimento Fernandes e Augusto Costa.

—Os principais papeis masculinos da peça «Primerose», em ensaios no Nacional, vão ser desempenhados por Eduardo Brazão, Joaquim Costa e Luís Pinto.

—Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos estão concluindo a sua opereta «A Perola Negra» e a tradução de uma comedia intitulada «A carta anonima».

—Efectua-se hoje em S. Carlos, em 5.ª recita extraordinaria, a opera de grande espectaculo, de Verdi, «Aida», dirigida por Vittorio Gui e montada com especial cuidado e brilhantismo.

CARTAZ

S. Carlos—A's 20,30—5.ª recita de assinatura extraordinaria «Aida».
Nacional—A's 21—«O centenario».
S. Luís—A's 21—«A Morenicha».
Politeama—A's 21,30—«Uma mulher sem importancia».
Avenida—A's 21—Recita a favor do Asilo do Santo Antonio.
Apolo—A's 21,15—Festa de Rosa Mateus.
Chiado Terrasse—A's 21—«O Juiz de Fóra».
Eden-Teatro—Não ha espectaculo.
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Bichinha Gata...»
Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«O remorso».
Teatro dos Anjos—A's 20,30—Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora—(Ao Calvario)—Aos domingos segundas, quintas e sabados—Animatografo.

Seguiu para Alger o "destroyer" "Vouga"

Largou hoje de Alger para Bizerte o «destroyer» «Vouga».

Uma conferencia sobre astronomia

Os trabalhos do sr. dr. Henrique Cortez

O sr. dr. Henrique Cortez, medico em Vizeu, vem brevemente a Lisboa realizar uma conferencia publica sobre astronomia e ectnografia, trabalhos a que se tem dedicado com certo exito e excepcional proficiencia. Editado pelo Instituto Etnografico da Beira, o sr. dr. Cortez publicou há pouco um opusculo ainda daqueles trabalhos, tendo recebido penhorantes testemunhos de apreço de intelectuais pela sua obra, destinada a disputar particular interesse entre os que se dedicam ao estudo dos problemas astronomicos.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

PARA ONDE CAMINHAMOS?

A CARESTIA DA VIDA, a DESVALORISAÇÃO DA MOEDA, a CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA e o "DEFICIT„ ORÇAMENTAL

São questões encerradas no mesmo ciclo vicioso

Ou esse ciclo é quebrado ou a Nação é estrangulada por ele

O português é a pessoa mais paciente deste mundo. Podem bater-lhe, espoleá-lo, escarnecê-lo, que tudo suporta, se houver o cuidado de lhe oferecer uma razão, um pretexto que o habilite a ficar de bem com a consciencia e a poupar-se ao mesmo tempo a desagravos.

Declarada a guerra, começaram logo as dificuldades a crescer, a vida encareceu, o *deficit* subiu, as greves multiplicaram-se, a ganancia cravou as unhas nos bolsos de todos nós.

Mas, emfim... era a guerra! Passaram meses, decorreram anos e, á medida que a guerra crescia em idade e corpulencia, cresciam tambem as dificuldades nossas e as do Estado.

Mas que fazer-lhe... era a guerra... E com este facil pretexto fomos deixando acumular males sobre males, convencidos de que a paz havia de vir um dia e com ela a abundancia de outros tempos.

E, de facto, aberto o armisticio, o custo da vida começou a baixar, o cambio melhorou muito e tudo parecia indicar um regresso á situação de antes da guerra.

Mas a ilusão durou pouco.

Passados meses a carestia recomeçou, a libra subiu de preço e de novo entrámos no caminho da amargura.

Mas que fazer-lhe! Quatro anos de guerra não se compensaram em quatro dias nem em quatro meses. Era preciso dar tempo ao tempo, produzir, produzir muito; e sobretudo não gastar, poupar tudo, economizar...

E o português, consolado com estas reflexões, lá ia seguindo a via dolorosa, repetindo com os seus botões: Emfim, já não é a guerra, mas é como se o fosse...

Porém, como tudo tem limites, a paciencia publica acabou por se esgotar. Isto da guerra já lá vai ha muito e apesar disso as dificuldades são cada vez maiores.

Dizer á grande massa que poupe o que não tem e que produza o que não pode, é já hoje perfeitamente inutil.

A desconfiança expandiu-se no ambiente como um perfume derramado. Em vão os politicos clamam que a hora é de sacrificio para todos.

O grande numero dos sacrificados de facto, começa a notar que o caminho por onde levam a Nação é muito desigual. Se para uns é cheia de abrolhos, para outros é tapetada de rosas.

E esta desigualdade revolta. Mesmo os que lucram com este estado de coisas, começam a desconfiar tambem e a recear o futuro.

O respeito pela vida e pela propriedade alheias desapareceu. Os crimes multiplicam-se de dia para dia e a acção da policia e a dos tribunais cada vez se torna menos sensivel. A impunidade é tão vulgar que o medo do castigo quasi que não existe já. A propria força publica, tanto de terra como do mar, não inspira confiança a muitos.

Os ultimos acontecimentos de Outubro alarmaram toda a gente de senso, porque patentearam a fragilidade dos alicerces em que se apoia a segurança publica.

Os sintomas de decadencia e de desorganização são tão claros e evidentes que toda a gente começa a convencer-se de que realmente vamos por mau caminho e que urge mudar de rumo, sob pena de cairmos na anarquia pura e simples.

Chegou, pois, o momento de pensar a serio, e com proveito, nos males que nos afligem e de lhe procurar os remedios adequados. Convencida, como está, da gravidade da doença, a Nação não se recusará a tomá-los, por mais amargos que sejam.

* * *

Quando um medico se abeira dum doente, o que primeiro o preocupa é o diagnostico, pois que não pode combater a doença sem a conhecer.

Este é o primeiro cuidado do medico e, muitas vezes, a sua maior dificuldade.

Com as enfermidades das Nações dá-se o mesmo que com as dos individuos: primeiro, se devem determinar as doenças e só depois pensar nos remedios a prescrever.

Ora qual é o mal que mais fundamente mina a sociedade portuguesa? Que mais fere, mais perturba a vida de todos nós?

E' sem duvida, a carestia da vida, este agravamento progressivo do custo das coisas indispensaveis á existencia de cada um.

E' dêste mal que todos nos queixamos muito particularmente, e é ainda dêle que derivam todos os outros que concorrem com isto para a ruina da Nação.

As classes médias, que são a pedra angular das sociedades actuais, por serem, não sómente as mais morigeradas, mas ainda por que têm nas suas mãos os fios mais delicados da trama social, esmagados por essa carestia sempre crescente, deixaram de cumprir integralmente os seus deveres. Ora é precisamente neste facto que se filia a desordem geral em que vivemos.

* * *

Se o mal está na carestia da vida, como tudo leva a crêr, o primeiro ponto a resolver é o das causas dessa carestia.

Ha quem a filie numa deficiencia de produção, tanto nacional como estrangeira, deficiencia essa proveniente de grande numero de vidas e de capitais devorados pela guerra.

Para os que assim pensam, o unico remedio para a nossa situação reside no aumento da produção e na diminuição do consumo.

Esta afirmação, porém, aplicada no nosso país, não nos parece verdadeira. Com efeito, no que diz respeito á nossa capacidade produtiva, a guerra não influiu de forma assás sensivel.

No que respeita á produção estrangeira, os estragos que nela fez a guerra tem-se ido reparando a pouco e pouco, sem que a vida entre nós deixasse de encarecer cada vez mais.

Por outro lado, os efeitos da deficiencia da produção sobre os preços medem-se, avaliando estes em ouro, porque sendo o *stock* mundial do ouro sensivelmente constante, logo que a produção diminua, os preços em ouro aumentam. Foi por isso que os paises em que vigora a moeda deste metal e que foram atingidos pela guerra, só viram meio de resolver o problema da carestia da vida aumentando a produção e diminuindo o consumo.

Mas se fôrmos avaliar em ouro os preços do nosso mercado, toda a carestia se desfaz como fumo.

E' por isso mesmo que a vida em Portugal é baratissima para os estrangeiros, apesar dos preços que para eles se fazem...

A carestia da vida entre nós não pode, pois, filiar-se em motivos de ordem economica, pelo menos naquela parte que a torna alarmante e perigosa.

* * *

Se não é na deficiencia de produção que devemos procurar as causas da carestia da vida em Portugal, visto esta não existir em relação ao ouro, onde procurá-la então?

Manifestamente que na desvalorização da moeda. Se a libra ainda circulasse no mercado á razão de 4$50 por cada uma, a carestia não existiria entre nós. Se existe, é porque cada libra em ouro custa perto de 70 escudos. A diferença está toda neste ponto.

E', pois, sob ele que deve convergir toda a atenção, porque dele nasce o mal que se pretende remediar.

* * *

Se é na desvalorização da moeda que se filia a carestia da vida em Portugal, o primeiro problema a estudar é o problema monetario.

Ora, todos os problemas que se prendem com a moeda dependem de dois principios que se podem formular assim.

1.º

Num mercado isolado e num momento dado, o valor de cada unidade monetaria não depende da substancia de que esta é feita, mas apenas do volume total do numerario circulante.

2.º

Num mercado isolado e em dado momento, o valor de cada unidade monetaria está na razão inversa do volume do numerario circulante.

Por outras palavras, dadas que sejam, em qualidade e quantidade, as mercadorias de mercado isolado, o preço destas ficará dependendo apenas do volume do numerario circulante, seja qual fôr a substancia de que este seja feito—metal, papel, sola, porcelana, etc.

A demonstração destes principios seria longa e fastidiosa para a maioria dos leitores. Os mais exigentes poderão contentar-se com uma forma de demonstração que é a ultima moda na sciencia e que consiste em concluir a verdade dos principios da verdade das consequencias que deles se tiram. Essas demonstrações quem quer as pode fazer de si para si.

* * *

Se o valor da unidade monetaria varia, *cæteris paribus*, na razão inversa do volume do numerario circulante, e se de facto as nossas condições economicas são sensivelmente o que eram antes da guerra, a causa da desvalorização da nossa moeda reside, manifestamente, no aumento progressivo do volume do papel-moeda, quer ele venha do Banco de Portugal, quer da Casa da Moeda, quer das camaras municipais.

COIMBRA, 23-1-922.

Diogo de Amorim

QUESTÃO ETERNA

O "Diario de Lisboa" e os electricos

Uma carta que não pode passar

sem breves comentarios

O *Diario de Lisboa*, que abre as suas colunas a todos os leitores sensatos, publica hoje uma carta em que é censurada a sua orientação quanto ao caso dos electricos e apresentada a necessidade de aumentar as respectivas tarifas, na proporção de 1:000 °|o em relação ás de antes da guerra.

Não tem o nosso correspondente razão em nos acusar de transigencias com correntes de desorientação publica. O *Diario de Lisboa* escreve sempre aquelas palavras que, correspondendo ao sentir do povo, estão em harmonia com a justiça e o interesse colectivo. E, nesta questão dos electricos, a verdade é que, tendo a Companhia direito a fixar tarifas de que não resultem prejuizos, não deve pretender acompanhar essa proporção de 1:000 °|o que, tendo em conta os seus razoaveis lucros de 1914, lhe criariam uma situação unica que deploravelmente contrastaria com a crise que todos atravessamos. Que um *chauffeur*, ganancioso e desconhecedor das leis de interesse geral, prevarique, explica-se embora não se admita de bom grado; agora que um grande organismo destinado a manter a viação electrica, não queira aceitar o seu quinhão de sacrificio e tente realizar ganhos exorbitantes á custa de meio milhão de habitantes de Lisboa, é que não se admite. Segue a carta do censor da atitude do *Diario de Lisboa*:

Sr. director—Para a solução do «caso dos electricos» não é preciso fazer sindicancias. Basta êste raciocinio:

Os jornais aumentaram de 10 para 100; a propria Camara Municipal aumentou de 10 para 100 e 200 as tabelas do Mercado da Ribeira Nova; os trens de praça, que custavam *600 réis á hora*, levam agora *10 escudos*, etc., etc., etc.

O *pessoal dos electricos* é de carne e osso como o pessoal das empresas jornalisticas, como o pessoal da Camara:—nisso estão todos de acôrdo, mesmo a vereação...

Donde vem o *carvão* e o *material* (rodagem, «rails», apetrechos electricos, etc.)? A teimosia cafreal da vereação leva a acreditar que tudo isso é fornecido, *cambio ao par*, pela firma *Tota & Pona*, de Freixo de Espada á Cinta!...

Essa *vereação* foi já condenada pela Imprensa. O proprio *Diario de Noticias* tocou o *sino grande*, julgando enterrar, com a sua prosa, o que já cheirava mal (?!)...

Ela aí está, a Camara, a teimar que a *Companhia dos Electricos* pode subsistir com um aumento que não chega a *4 vezes mais!*

A *carreira minima*, que custava 30 réis, deve custar 300 réis. Ou então:

a) Nem muitos dos srs. vereadores devem receber ordenados que vão de 5 a 10 vezes mais, em seus empregos;

b) nem, outros dêles, devem exigir ganhos de 200 e 300 0|0 de lucro, nos seus negocios;

c) nem os jornais, cinematografos, teatros e, sobretudo, os trens e automoveis, devem exigir-nos o que hoje pagamos...

Então os *electricos* são excepção?

O resultado será êste: darem com tudo em Pantana. A *desorientação* é geral!

Os *jornais conspicuos* deixam correr esta desorientação (o *Diario de Lisboa* de hoje até a lisonjeia!) e depois,.. quando tarde, quando *já não há remedio*,—*armam em catões!!*

Sou leitor assiduo do seu jornal, sr. director, desde o seu inicio; custa-me vêr que, pretendendo ser sensato e intelectual, se deixe arrastar até á... *falta de coragem* de lisonjear a desordem, de favorecer a desorientação dos espiritos desta desgraçada terra.

Os incomodos, os transtornos, as despesas... a que me têm obrigado estas *gréves* dos electricos!

O que me restará ainda a sofrer! Quantos pares de botas terei de comprar por causa delas!

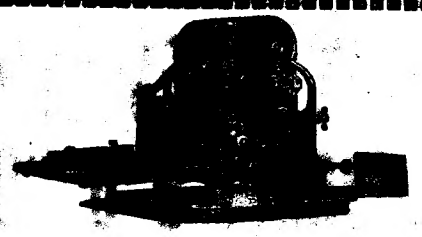
Anda tudo doido! Não vêem que se trata de uma *necessidade de 1.ª ordem* para quem precisa ganhar o pão quotidiano! Se a Imprensa não serve para orientar, para pôr as *coisas no seu devido pé*, para prevenir males que a *Ignorancia* e a *Má fé* não vêem,—então para que serve?

Para ajudar a indisciplina que nos leva ao abysmo...

—Admirador e leitor, *J. A. Silva*,—Avenida da Republica, 158, 3.º direito.

GARANTIA CAPITAL REALIZADO 1:000 CONTOS
Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1920 Esc. 7.[illegible]28,3
SEGUROS DE VIDA em todas as suas combinações entre os quais os vantajosos seguros.
FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e MIXTO DE CAPITAL DUPLO (que duplica o capital em caso de sobrevivencia)
Seguros terrestres, maritimos, agricolas e de automoveis
COMPANHIA DE SEGUROS fundada em 1853 com sede no Porto (edificio proprio)
Agentes em Lisboa, Coimbra, Faro, Santarem, Olhão e Portimão
José Henriques Totta, Ltd. (banqueiros) EM LISBOA, tel. 533, 1509, 4078, 4152 e 4453

Empresa Técnica Industrial, L.da
TEL. C. 854 292, RUA AUREA, 292 TEL. C. 854
REPRESENTANTES DA FÁBRICA
— LANZ —
LOCOMÓVEIS E SEMI-FIXAS INDUSTRIAIS
EM ARMAZEM E A CHEGAR Á ALFANDEGA
GRANDE QUANTIDADE DESTAS MÁQUINAS


CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!
O DUPLICADOR
RAPIDO, LIMPO, SIMPLES
A. Gestetner
70 cópias por minuto
pode ser nos dois casos de imensa utilidade
Peçam detalhes á casa
— A. GESTETNER —
Rua da Conceição, 125, 4.º
LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

Empreza Internacional, L.da
Rua Augusta, 76, 1.º
TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346
TELEGRAMAS:---GALVANICA
APARELHAGEM ELECTRICA PARA ALTA E BAIXA TENSÃO
VOIGT & HAEFFNER A. G.

Banco Industrial Português
Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114
CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$
Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)
FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA
Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Santo Amaro, 24 de Janeiro de 1922.

Ex.mo Sr.

Com referencia á declaração feita nos jornais desta manhã, que eu havia sido induzido a consentir na readmissão de dois empregados no serviço desta Companhia depois de a tal haver obstado, permita-me V. Ex.a dizer não ser perfeitamente exacta essa afirmação.

Com o fim de não prejudicar o publico aceitei a indicação de Sua Ex.a o Presidente do Ministerio para que todo o pessoal fosse readmitido imediatamente, afirmando, porém, d'acordo com os meus colegas da direcção, que não deixaria de proceder disciplinarmente contra os actos de violencia exercidos pelo pessoal sobre os seus chefes, antes de declarada a gréve. Ficou combinado que o pessoal disso fosse avisado, pois eu não desejava que ele regressasse ao serviço sob a falsa impressão que não seriam tomadas nenhumas medidas disciplinares.

O representante do pessoal recebeu da direcção da Companhia instruções para informar o pessoal, desta condição.

Após uma demorada conferencia, o pessoal anuiu em regressar de novo ao trabalho nessa mesma noite — o que fez.

Com toda a consideração sou

De V. Ex.a
Mt.º Att.º e Vn.or
(a) *A. O. Kolkhorst*

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!
Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"
Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

DINHEIRO
Empresta-se sobre ouro, prata e brilhantes e sobre todos os objectos que ofereçam garantia.
Empresta-se sobre louças antigas e compram-se todas as qualidades das mesmas.
ANTONIO PEDRO DA SILVA
R. DAS GAVEAS, 6, 1.º
TEL. 1.096

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 Telegrafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOUTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

AGENCIA GERAL DE ANGOLA
(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)
SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA
ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557
OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.
Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & CT.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

ESTRANGEIRO

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & CT.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

A AMERICA E A EUROPA

Os Estados-Unidos E A conferencia de Genova

HOOVER será o seu delegado

O equilibrio do orçamento europeu faz parte do programa

WASHINGTON, 25

O secretario de Estado, sr. Hoover, que será o delegado dos Estados Unidos na conferencia de Genova, caso seja resolvido que a America ali tome parte, apresentou ao gabinete o programa oficial dos Estados Unidos, o qual foi aprovado.

Por este programa os Estados Unidos fazem depender a sua cooperação no restabelecimento da Europa, da suspensão do aumento de circulação de papel moeda; do equilibrio dos orçamentos europeus, estabelecido de facto e não nominalmente; fixação dos pagamentos das reparações devidas pela Alemanha, em conformidade com a sua solvencia e a diminuição das despesas com os exercitos europeus.—(R.)

A opinião do "The Times"

LONDRES, 25

O «Times» refere-se ao facto do programa apresentado pelo sr. Hoover ter sido publicado logo depois do sr, Poincaré ter declarado que a Alemanha deve pagar a importancia total das reparações e que a França não deseja tomar parte na conferencia de Genova se ali fôr discutida a questão da alteração do tratado de Versailles.

O «Times» julga que toda a nação americana está d'acordo com o programa apresentado pelo sr. Hoover.—(R.)

A imprensa russa e o imperialismo francês

HELSINGFORS, 25

Os jornais russos dizem que o imperialismo francês é um obstaculo permanente a todas as tentativas de restauração economica da Europa, tornando-se necessaria uma acção energica dos operarios franceses contra o governo actual—(U. P.)

EM ARMAZEM
Desnatadeiras e batedeiras
Correias de couro e de balata
Attilhos, rebites e ligadores
Lubrificadores e almotolias
Vidros de nivel e anilhas de borracha
Aparelhos diferenciais
Empanques, amiantos e desperdicios
Etc., etc., etc.
JOHN M. SUMNER & C.º
SUCESSOR
JOSÈ J. TEIXEIRA
29 — Avenida da Liberdade — 37
LISBOA

A POLITICA DA RUSSIA E A POLITICA DOS ALIADOS

Uma entrevista com Trotsky

O comissario do exercito vermelho elogia o procedimente de Lloyd George e declara que a Sociedade das Nações é a sombra duma sombra

Um representante do «Daily Mail», que foi a Moscou fazer reportagem para o seu jornal, conta desta maneira a sua conversação com Trotesky, ácerca da conferencia de Genova:

—Trostzky declarou-me que a conferencia de Genova teria bom resultado, quer a França tome ou não tome parte nela.

Não participo, disse, da ingenua confiança que certas pessoas põem nestas conferencias. Ha três anos as mesmas pessoas proclamavam que a salvação do mundo vinha da Conferencia de Versailles; ha três meses esperavam que ela viesse de Washington.

Desapontadas por duas vezes, esperam agora que a salvação virá de Genova. Mas a restauração do equibrio mundial é um trabalho dificil, que não será solucionado por conferencias, mas sómente por trabalhos duros e prolongados e pela cooperação de todos os povos.

E' claro que Lloyd George deseja que a conferencia faça alguma coisa para pôr o trabalho em andamento. E se não trabalha por nós, como é natural, segue pelo menos um caminho paralelo ao da nossa acção. A Russia e a Alemanha farão tudo que puderem para que a conferencia seja um sucesso.

* * *

Quanto á atitude da França, disse:

A atitude da França é duvidosa. Provavelmente Poincaré será obrigado, como Briand, a adaptar-se ás circunstancias. A França, ainda que esteja iludida e se julgue o arbitro da politica mundial, é, em realidade, comparativamente pouco importante.

Já não se dá o mesmo com a America. Se esta permanecer afastada, continuando a sua politica de isolamento, a conferencia não dará resultado e só poderá ser o preludio de outra.

As reparações e o Tratado de Versailles são simples pedidos de usurarios. Nós encontraremos os aliados para discutir as reparações sob um aspecto mais largo, e abordar tambem a discussão das reparações dos prejuisos economicos causados pela guerra. Isto pede a cooperação de todos os povos e a utilização dos recursos de todos os paises do mundo.

Nesta ocasião Trotzky respondeu a uma pregunta que o «Daily Mail» não menciona, mas é facil de adivinhar da seguinte forma:

—O Tratado já foi revisto pelos factos. O proprio convite para Genova é uma revisão do Tratado.

Falando da questão da Carélia, Trotzky fez alusão á proposta recebida da Liga das Nações em que se oferece a Polonia como medianeira entre a Russia e a Finlandia.

— Proposta encantadora, disse ironicamente Trotsky. A Polonia tem uma qualificação maravilhosa para servir de medianeira entre nós e os nossos inimigos! Quanto á Liga dois dos seus membros, a Finlandia e o Japão, estão-nos atacando nesta ocasião. *Mas a Liga importa-nos pouco, è a sombra dumà sombra.*

A Russia, disse ainda Trotsky, nunca fez nenhuma objeção para conferenciar com os governos ocidentais. Lloyd George pôs os franceses no seu logar, porque, depois de terem apertado a mão dos assassinos do Este, os kemalistas, não queriam apertar a mão aos assassinos do Norte, os bolchevistas.

O governo russo participa inteiramente este ponto de vista, *mas, se alguem quizer a paz, é preciso que esse alguem esteja disposto a apertar a mão a toda a especie de gente, aos assassinos do Este, aos assassinos do Norte e mesmo aos assassinos do Ocidente.*

Trotsky fez notar tambem que o exercito vermelho deve manter-se tão poderoso quanto possivel e que nenhum esforço deve poupar-se para o aperfeiçoar.

— Mas, acrescentou, logo que a paz esteja assegurada, o exercito vermelho, que é agora um exercito regular, transformar-se-ha numa milicia de trabalhadores.

TEATRO NACIONAL
TODAS AS NOITES
GRANDIOSO SUCESSO
O maior exito — A linda peça
O Centenario
O mais soberbo desempenho
HOJE — Recita da Moda

AVENIDA
RECITA A FAVOR
do AZILO DE SANTO ANTONIO
e em que tomam parte os artistas Luisa Satanela, Jesuina de Chaby, Raquel de Barros, Chaby Pinheiro, Estevam Amarante, Santos Melo, José Victor, etc., etc.
A comedia de Ernesto Rodrigues e João Bastos
Casa com escritos
O 1.º acto da celebre comedia
O CONDE-BARÃO
desempenhada pelos seus primitivos interpretes e um grandioso
Acto de variedades
A'manhã — O TOUREADOR

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
GRANDIOSO EXITO
A engraçadissima comedia, adaptação de
ANDRÉ BRUN
O JUIZ DE FORA
NOITE DE FESTA E DE GARGALHADA

TEATRO SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz
Companhia Otelo de Carvalho
Ultimas representações da já celebre revista
Bichinha Gata...
antes da remodelação completa porque vai passar nas duas sessões de
Sexta feira — 27 do corrente
com a estreia do
QUADRO NOVO
no qual entra toda a companhia. Os principais papeis por Laura Costa, Lina Demoel, Julia d'Assuação, Otelo de Carvalho, Matias de Almeida e Martins dos Santos
10 — Novos numeros de musica — 10
A segunda sessão termina á meia noite

A ESPANHA NO RIFF

O mouro Abd-el-Krim VAI prégar a guerra santa?

AINDA a tomada de Drins

O general Berenguer trata do resgate dos prisioneiros

MELILLA, 25

Os mouros estão muito impressionados com a tomada de Dar Drins. Abd-El-Krim prega a guerra santa com o fim de assaltar Dar Drins, Batel e outras posições. O chefe mouro tem sob as suas ordens cêrca de dois mil beniurriagueles, esperando que em breve se lhe unam mais fôrças mouras.—(U. P.)

TETUAN, 25

O general Berenguer conferenciou com o sr. Almeida ácêrca do resgate dos prisioneiros em Axdir. Depois de ter conferenciado com o delegado da Cruz Vermelha o alto comissario conferenciou tambem com o deputado por Algeciras D. José Torres.—(U. P.)

160.000 desempregados na Tcheco-Slovaquia

BERLIM, 25

Devido á alta do cambio na Tcheco-Slovaquia ha actualmente naquele país cento e sessenta mil desempregados. Espera-se que este numero aumente, porque os produtos desta nação não encontram colocação no estrangeiro.—(U. P.)

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade de Teatro de S. Carlos, Limitada
Telef. C. 5063
HOJE — Quarta-feira — A's 20 e meia horas
5.ª Récita de Assinatura Ordinaria
1.ª representação da opera de grande espectaculo de Verdi
AIDA
pelos primeiros cantores Annita Conti, Capusna, Sullivan, Formichi e Griff, sob a direcção de Vittorio Gui
Grande corpo coral e de baile — Banda marcial — Terno de trombetas — Baile de crianças

LABORATORIO DE FARMACIA
— DO —
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA
Emulsão "PASTEUR"
DE OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU COM GLICEROFOSFATOS DE CALCIO E SODIO
Debelidade geral — Raquitismo-Afecções pulmonares, etc.
FARMACIAS:
R. NOVA DO ALMADA, 88 — LISBOA
R. DOS CLERIGOS, 38 — PORTO

A TARDE POLITICA

O manifesto da Conjunção Republicana ao eleitorado do país

Crê-se na possibilidade de fazer-se eleger apenas deputados e senadores republicanos

Mercê da gentileza dum amigo podemos dar hoje aos leitores do *Diario de Lisboa* o manifesto da Conjunção Republicana que esta tarde foi a imprimir:

«Cidadãos!

Os partidos da Republica — Liberal, Reconstituinte, Presidencialista e Socialista — tendo ao seu lado um grande numero de republicanos independentes, combinaram entre si organizar uma «conjunção republicana» cujo fim unico, perante a concorrencia de candidatos monarquicos ás proximas eleições, consiste em proporcionar ao eleitorado de Lisboa—republicanos na sua maior parte—a possibilidade de fazer eleger apenas deputados e senadores republicanos.

Manifestamente a conjunção republicana não pretende combater o partido historico da Republica—o Partido Republicano Português. Se tal fizesse, estaria em contradição com o proprio fundamento que lhe deu origem.

E' conveniente acentuar que os elementos organizadores da conjuncção republicana convidaram previamente o director do P. R. P. a fazer parte da conjunção, convite que o referido directorio declinou por causa dos seus compromissos já tomados com as respectivas comissões politicas, dada a proximidade do acto eleitoral, mas fê-lo reconhecendo (nem o seu indefectivel republicanismo lhe permitiria proceder doutra maneira) que as forças eleitoraes que assim se conjugaram a disputar as eleições na capital da Republica, ofereciam incontestaveis vantagens para que triunfasse em toda a cidade o espirito democratico e uma legitima representação republicana.

Cidadãos!

O atual regime — não o esqueçamos — ficou victorioso em 5 de outubro de 1910 como um protesto de reacção moral por ser uma forma grosseira do Governo, que não inspirava alento, nem confiança no espirito publico. Os seus mais graduados governantes estavam descreditados pelo proprio scepticismo que os caracterisava. Por isso se deu a morte do regime para que se não desse a morte da Patria. A historia mostra-nos que os povos que possuem um forte idealismo e uma fé superior nos seus destinos tornam-se fecundos e felizes. E, ao contrario, se se abandonam a um espirito materialista e de ganancia, a pouco e pouco vão enfraquecendo e dispersando todas as suas inergias até que, mais cedo ou mais tarde, sucumbem. Eis porque é indispensavel reerguer na alma popular a fé republicana de outros tempos.

. . . . . .

Cidadãos!

O regime republicano é, fundamentalmente, um regime de liberdade de opinião. Por isso contém, para a solução dos problemas de administração publica, formulas e processos diferenciados, de que são portadores e propugnadores os seus partidos politicos. A lista para deputados e senadores que a Conjunção Republicana apresenta e recomenda ao sufragio de Lisboa, se merecer a preferencia do eleitorado, levará ao Parlamento representantes do maior numero dessas diferenciadas correntes de opinião. Cidadãos! Votai na lista da Conjunção Republicana.»

CAMBIOS

DIA 25

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	62$000	64$000
Londres, cheque	4 7|16	4 5|16
» 90 d. v.	4 9|16	—
Rio Londres	7 9|32	—
Paris	1$040	1$075
Italia	$540	$577
Bélgica	$894	1$023
Suiça	2$495	2$567
Espanha	1$916	1$972
Berlim	$060	$066
Holanda	4$670	4$805
Nova-York	12$814	13$186
Austria	—	$007
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1$000	1$100

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

CALCULOS ELEITORAIS

Em Lisboa ficará derrotada a lista da conjunção e obterão os monarquicos as minorias?

80 democraticos, 25 a 30 liberais, 15 reconstituintes, 10 monarquicos e 3 governamentais

O que esta manhã disse ao "Diario de Lisboa", o sr. Ribeiro de Carvalho que apesar de estar doente e ter o telefone escangalhado, sabe mais de eleições que o ministerio do Interior

Esta manhã, o sr. Ribeiro de Carvalho, ainda de cama, retido por uma gripe incomoda, foi-nos dizendo o que pensava sobre as proximas eleições. Esta entrevista deve ser lida pelo sr. presidente do ministerio, pelos partidos, pelos da conjução, pelos intelectuais, emfim, por todos. Não pela sua factura, bem entendido, mas pelas afirmações claras do entrevistado. O sr. Ribeiro de Carvalho sabe jogar no xadrez do eleitorado como ninguem; para ele o dia 29 já não tem surpresas e ainda faltam...

Diz lá, leitor, não me lembra. São quatro dias, não?

A entrevista abriu com esta frase:

—Disseram os jornais que V. ex.ª, mesmo doente, ia manejando as eleições pelo telefone.

Um sorriso.

—Sim, mas quando o *Diario de Lisboa* pediu ás meninas que não estragassem o meu telefone, no mesmo dia ele passou á categoria dos impedidos.

Ribeiro de Carvalho está estendido na cama, de costas, sem lunetas, barba de oito dias; ouve-se a sua voz clara:

—O que penso sobre a eleição de Lisboa? Os monarquicos? Os republicanos? Mesmo os democraticos? Se a lista de conjunção fosse apresentada com isenção por todos os partidos vencia. Assim...

Levantámos a frase;

—Assim?

—Não deve vencer. Os socialistas vão e votam nos seus candidatos, riscando os outros... O mesmo para os independentes, para os reconstituintes, para os liberais... Só votando todos de chapa é que a lista triunfaria...

—E os monarquicos? V. ex.ª não se referiu aos democraticos...

—Para mim, os democraticos constituem um misterio. Não sei como eles montaram a sua maquina eleitoral, mas parece-me que os «outubristas» lhe arrancaram uma forte talhada.

Ribeiro de Carvalho não explicou, mas diz-se, porque se compreendeu, o seu pensamento: os «outubristas» constituiram a parte activa da população do partido democratico. Nós, com uma cara de duvida:

—Mas vencem os monarquicos?

—Não! Conseguirão apenas, se conseguirem, as minorias... Mas não sei... não sei...

—Em seu entender?

—Os partidarios da conjunção deviam votar de chapa.

—Vamos á provincia. Se o sr. Ribeiro Carvalho fizesse um quadrozinho de eleições... Agita-se o doente um pouco na cama. A sua voz começa-se a fatigar. No emtanto, nós sacrificamos o repouso do nosso camarada de jornalismo, que é o entrevistado, para satisfazermos o egoismo, dos centros politicos, a quem, como se disse de principio, é endereçado a entrevista.

—Democraticos, 80; liberais, 25 a 30; reconstituintes, 15; monarquicos, 10; governo... sim o... governo... 3. O resto...

—Poeira... Esse sim o que quere significar?

—Significa que as candidaturas do governo estoão desamparadas. A politica deve girar nas mãosdos politicos e não...

—Uma palavra macia.

—Sim... E não nas dos amadores. O governo teve pouco tempo; quem trata das eleições desconhece as provincias, as forças eleitorais, etc., etc.... Depois as autoridades administrativas são democraticas; hão de fazer pressão. Não lhes levo isso a mal, estão no seu papel.

—Mas há novos governadores civis?

—Sim há, com a condição de não tocarem nos administradores...

—Que são democraticos?

—São.

—Se o governo não tem mais de três deputados, muitos ministros ficarão de fora.

—Receio bem que sim.

—E o Cunha Leal?

—Até esse deve lutar agora com grandes Chaves dificuldades no circulo de que lhe ofereceu o sr. Nicolau Mesquita...

—O sr. Ribeiro de Carvalho auxiliou o governo nas eleições... Porque eu não sei, dizem os jornais.

—Auxiliei em parte. No conselho de ministros que houve em casa do presidente da Republica, no Ano Bom, o sr. Cunha Leal falou nas candidaturas dos outubristas e das forças vivas.

«Levantei na *Republica* uma campanha para que essas forças tivessem no Parlamento representantes...

—Para quê?

—Gritava-se e grita-se ainda que o Parlamento só pensa na politica...

—As forças vivas postas á prova?

—Sim. Nesse conselho de ministros prometi trabalhar para que as forças vivas tivessem representantes.

—Só trabalhou nisso ao lado do governo?

—Muito categoricamente:

—Só.

—E depois?

—A favor do meu partido.

—Uma opinão: porque se nota, até certo ponto, a revivescencia do espirito monarquico?

—Na provincia a ideia monarquica não está espalhada. O que há, acredite, é o odio a Lisboa. Ainda há pouco um homem cultissimo do Porto me telegrafou dizendo que desembarcava em Campolide e seguia logo para o Estoril. Não queria passar por Lisboa... Depois as contribuições estão salgaditas, e eles, os camponeses, não preguntam se são consequencias da guerra.

—E... tantas eleições!

—Que custam rios de dinheiro... O meu partido teve este lema, durante muito tempo: ou revolução ou dissolução. Porquê? Estavam os democraticos no governo, que faziam sempre as eleições e que as ganhavam sempre. Um partido que está no poder tem sempre a maioria; não, um homem como Cunha Leal que está desacompanhado.

—E o lema?

—Devia ser modificado: não dissolução ou revolução.

Cunha Leal provocou ao nosso entrevistado as seguintes declarações:

—E' um homem energico, decidido, de raras qualidades...

—Acredita que, se êle conseguir fazer eleger alguns deputados de sua feição formará um partido?.

Nós não dissemos partido. Onde está esta palavra leia-se: corrente simpatica.

—Acredito e é necessario. Seria um correctivo aos outros partidos... Cunha Leal é um homem necessario.

A voz do doente extingue-se um pouco. Insistimos ainda:

—O partido liberal está tão apagado agora... Concorda?

—Já vê que não posso concordar. Deixe-me estar bom, irei por êsse país fóra agitando... O que o partido precisa é de agitação?

—E de chefe.

—Não. Há o directorio. Eu tenho pertencido a todos os directorios, mas reconheço que êste devia ter mais actividade...

E Ribeiro de Carvalho, bom politico, politico ainda com fé, com lirismo, que não é dos seus versos, mas do seu coração, diz-nos ainda.

—Houve sempre correntes. A centrista apagou-se com o Egas Moniz a afastar-se cada vez mais da politica; os unionistas na *Lucta;* os evolucionistas, trabalhando sempre, organizando centros, comissões... Activos, activos sempre.

«Em tempos, quando as lutas politicas estavam acesas, eram os evolucionistas que combatiam os democraticos com fé, com energia.

E calou-se o director do nosso colega *A Republica* depois de esta invocação que tinha o seu vislumbre de romantismo.

A TERCEIRA SESSÃO

O congresso do Professorado das Escolas Primarias Superiores

Abundantes votos de louvor e uma frase do antigo presidente sr. dr. Bernardino Machado que se recorda

Sob a presidencia do sr. dr. Domingos de Figueiredo, secretariado pela sr.ª D. Maria Fernandes e pelo sr. Joaquim de Carvalho, realizou-se hoje, na Sociedade de Geografia, a terceira e ultima sessão do congresso do professorado das escolas primarias.

Antes da ordem do dia, propuzeram-se votos de louvor para diversas individualidades que se têm interessado pelo ensino primario superior: drs. Julio Dantas, Alves dos Santos, João de Deus Ramos, Trindade Coelho...

E, como cada congressista lembrasse um nome da sua simpatia, aprovou-se um voto de louvor em geral para todas as pessoas que mostraram interesse pelas escolas primarias superiores.

* * *

Um dos congressistas é de opinião que se deve trabalhar para o aperfeiçoamento do ensino primario superior, pondo de lado o tradicional «Nosa Senhora não te rales». Sobre este ponto estão todos de acordo—como o sr. dr. Bernardino Machado — diz um congressista.

* * *

A's 13,30 entra-se na ordem do dia. O sr. Adelino Vieira lê o projecto de reorganização do ensino primario superior, elaborado pela comissão que ontem foi eleita para esse efeito.

Um orador:—Acho inconveniente atacarmos a mania do emprego publico, quando nós vimos aqui defender os nossos interesses de empregados publicos.

Vozes:—Não apoiado!

* * *

O sr. Torres Ferreira entende que se deve republicanizar o ensino. Na maioria dos liceus —afirma—os professores não cuidam de integrar o aluno nos principios republicanos.

Vozes:—Apoiado! Apoiado!

* * *

A's 15 horas, já falaram sobre o primeiro artigo da materia em discussão quasi todos os congressistas. A discussão promete ainda prolongar-se...

* * *

Ao tratar-se da votação do primeiro artigo, um congressista invoca o regimento, outro pede votação nominal, outro requere contraprova. E' natural que se encerre o Congresso sem tomar uma resolução...

A morte de Bento XV

Quem será o novo pontifice?

ROMA, 25

«Il Giornale de Italia» diz que no Banco de Roma serão depositados cinco milhões de liras para a propaganda em favor dum Papa italiano. A eleição dum cardeal estrangeiro é impossivel e inconvenientissima para a politica relativa ás relações da Santa Sé com o Quirinal.—(L. A.).

ROMA, 25

O Papa será sepultado esta noite ao lado de Pio X.—(L. A.).

THEATRO SÃO LUIZ

EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA

Concertos BLANCH

Domingo, 29—Matinée ás 3 horas da tarde

CONCERTO EXTRAORDINARIO

GRANDIOSO FESTIVAL RUSSO pela

ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

no qual toma parte o notavel pianista portuense

LUIZ COSTA

PROGRAMMA—1.ª PARTE

I — «A Vida pelo Czar» (ouverture) — Glinka

II — «Capricho hespanhol» — Rimsky-Korsakoff

a) Alvorada; b) Variações; c) Alvorada; d) Scena e canto gitano; e) Fandango Asturiano.

Todos estes numeros são executados sem interrupção

2.ª PARTE

III — «Grande Concerto para piano e orchestra, 1.ª audição — Tschaikowzky—a) Andante non troppo e molto maestoso — Allegro con spirito; b) Andantino simplice; c) Allegro con fuoco.

Piano — LUIZ COSTA.

3.ª PARTE

IV—«Principe Igor»—«Dansas guerreiras»—Borodine

V — «1820» (ouverture solemnelle) — Tschaikowzky

A orchestra é augmentada conforme as exigencias das partituras — **Bilhetes á venda.**